

CRUZEIRO - HISTÓRIA

Aos pés da Santa Cruz

Funcionários públicos cariocas foram os primeiros habitantes do lugar, conhecido no final da década de 50 pelos nomes de “Gavião” e “Cemitério”

GUSTAVO MARCONDES
DA EQUIPE DO CORREIO

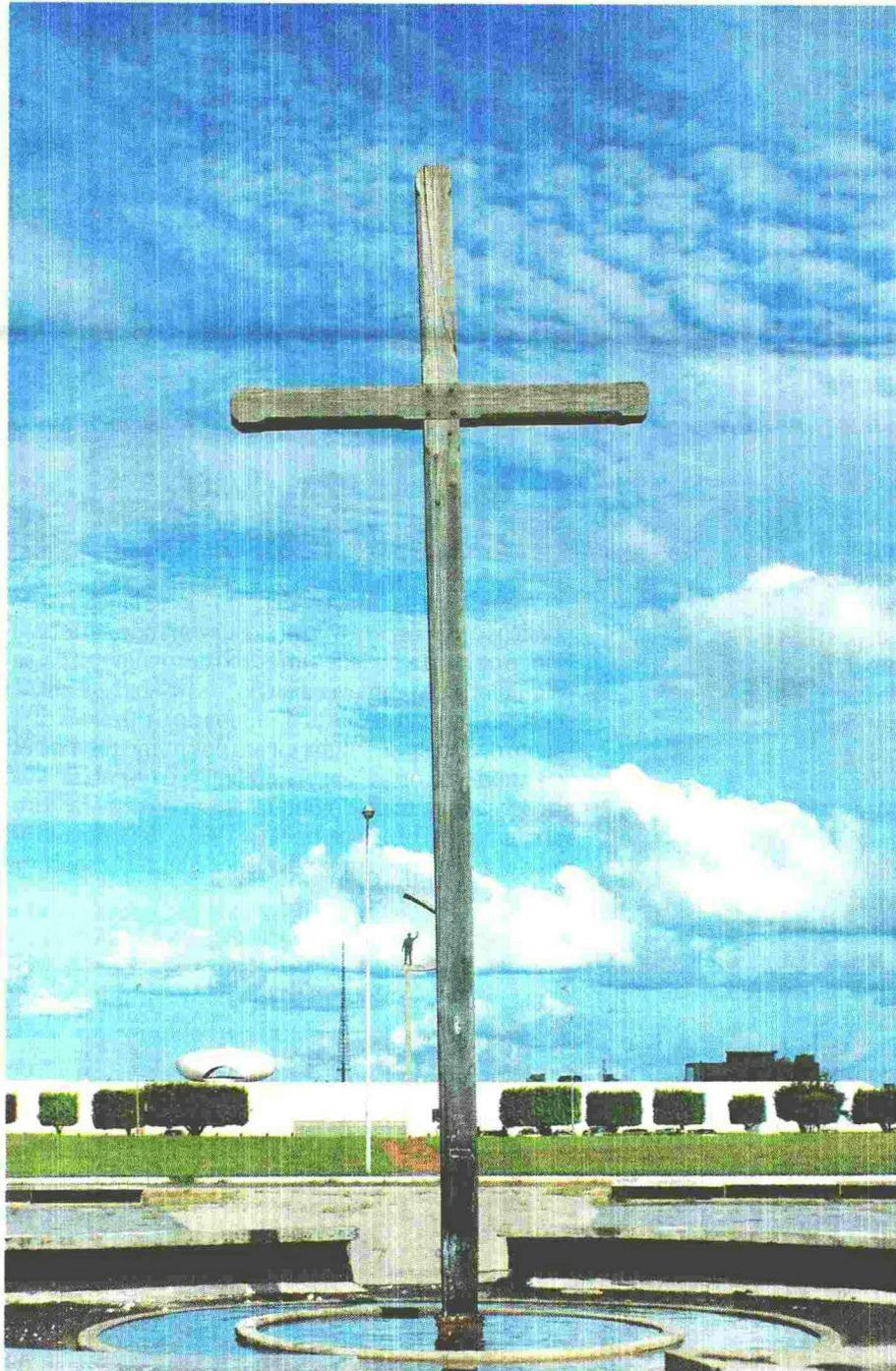
Breno Fortes/CB/7.3.04

Ao avistar o vale onde futuramente estaria Brasília, o botânico francês Auguste Glaziou, integrante da Missão Cruls, que, em 1895, veio ao Planalto Central delimitar a área da nova capital do Brasil, afirmou que a região “impressionou profundamente pela calma severa e majestosa”. Glaziou estava acampado na parte mais alta do Eixo Monumental. Sessenta anos depois, em 1955, o vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, cravou uma cruz na mesma região na qual o francês estivera antes para rogar proteção à nova Capital Federal. O local passou a ser conhecido como o Cruzeiro.

Antes mesmo de começar a povoação da região, o Cruzeiro foi palco de outros momentos históricos. Em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek, acompanhado de vasta comitiva, avistou a região e proclamou as ações para dar início à construção da Capital diante da cruz de Bernardo Sayão. Um ano depois, o Cruzeiro recebeu a celebração da primeira missa de Brasília, uma reedição histórica da primeira missa do Brasil, em 1500.

Foi no final da década de 50, quando a construção estava no fim, que chegaram os primeiros funcionários públicos federais transferidos do Rio de Janeiro. Muitos deles, no entanto, ficaram pasmos com o cenário que os foi apresentado. Totalmente isolado do Plano Piloto, o Cruzeiro não tinha água, luz ou transporte público quando os pioneiros foram apresentados ao local. As compras eram feitas, de caravana, na Cidade Livre, antigo nome do Núcleo Bandeirante.

A inauguração de Brasília e o consequente aumento do contingente de servidores transferidos, deram uma cara de comunidade para o Cruzeiro, que nem se chamava assim na época. O primeiro nome da cidade foi Setor de Residências Econômicas Sul (SRES) que, claro, não pegou. Os moradores chamavam o local



EM 1955, FOI CONSTRUÍDO UM CRUZEIRO NA REGIÃO ONDE FICA A ATUAL 11ª RA

“carinhosamente” de Cemitério, por causa da impressão de sepulcros que as casinhas brancas alinhadas davam a quem chegava, e, depois, de Gavião, em referência ao grande número dessas aves que aparecia por lá.

O nome definitivo foi escolhido com a ajuda do *Correio Braziliense*, quando um grupo de moradores, insatisfeitos com o sentido pejorativo dos outros nomes, procurou o jornal. A escolha de Cruzeiro se deu pela existência da cruz de Sayão e também porque a palavra já indicava o local nos ônibus que iam para a região.

Com a melhora nas condições de vida, o caráter alegre e festivo dos cariocas - que ganhavam uma casa e tinham o salário dobrado para vir para Brasília - apareceu. Principalmente depois da fundação da Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc), em 1961, que virou um símbolo da comunidade. Até hoje a natureza boêmia de seus habitantes está presente nas rodas de samba, quiosques e barzinhos espalhados pela cidade.

Com o crescimento da Capital, na década de 70, o governador Hélio Prates construiu um conjunto residencial ao lado do Cruzeiro, que passou a ser chamado de Cruzeiro Novo, enquanto a antiga região foi renomeada de Cruzeiro Velho.

O desenvolvimento chegou aos poucos ao Cruzeiro, que se tornou a décima primeira Região Administrativa do DF, em 1989, englobando o setor Octogonal e, depois, o Sudoeste. Em 2003, essas duas áreas deixaram de fazer parte da RA 11. Hoje a região, com 41 mil habitantes, está entre as que apresentam melhores condições sociais no DF.

Tem a oitava melhor renda per capita, com média mensal de R\$ 807, contra média no DF de R\$ 625. Cerca de 80% das famílias ganha acima de dois salários mínimos. Mais de 50% da população têm o segundo grau completo, sendo 13,4% com curso superior. Entre os chefes de domicílio 22,4% tem superior completo, contra média no DF de apenas 14,6%.